

Roberto Bolaño

Os Detetives Selvagens

Tradução de Cristina Rodriguez e Artur Guerra



QUETZAL série américas | Roberto Bolaño

*Para Carolina López e Lautaro Bolaño,
venturosamente parecidos.*

— *Quer a salvação do México? Quer que Cristo
seja nosso rei?*

— *Não.*

MALCOLM LOWRY

I

Mexicanos perdidos no México (1975)



2 de novembro

Fui cordialmente convidado para fazer parte do realismo visceral. É evidente que aceitei. Não houve cerimônia de iniciação. Melhor assim.

3 de novembro

Não sei muito bem em que é que consiste o realismo visceral. Tenho dezassete anos, chamo-me Juan García Madero, estou no primeiro semestre do curso de Direito. Eu não queria estudar Direito, mas Letras, contudo o meu tio insistiu e no fim acabei por transigir. Sou órfão. Serei advogado. Foi o que eu disse ao meu tio e à minha tia e depois fechei-me no quarto e chorei toda a noite. Ou, pelo menos, durante uma boa parte. Depois, com aparente resignação, entrei na gloriosa Faculdade de Direito, mas ao fim de um mês inscrevi-me na oficina de poesia de Julio César Álamo, na Faculdade de Filosofia e Letras, e dessa maneira conheci os real-visceralistas ou viscerrealistas e até vicerrealistas, como às vezes gostam de se chamar. Até então eu tinha assistido quatro vezes à oficina e nunca tinha acontecido nada, o que é

uma maneira de dizer, porque vendo bem aconteciam sempre coisas: líamos poemas, e Álamo, consoante o seu humor, ou os elogiava ou os pulverizava; um lia, Álamo criticava, outro lia, Álamo criticava, mais outro voltava a ler, Álamo criticava. Às vezes Álamo aborrecia-se e pedia-nos a nós (os que naquele momento não estávamos a ler) que criticássemos também, e então nós criticávamos e Álamo punha-se a ler o jornal.

O método era o ideal para que ninguém fosse amigo de ninguém ou para que as amizades se cimentassem na doença e no rancor.

Por outro lado, não posso dizer que Álamo fosse um bom crítico, embora falasse sempre da crítica. Agora, acredito que falava por falar. Sabia o que era uma perífrase, não muito bem, mas sabia. Não sabia, contudo, o que era uma pentapodia (que, como toda a gente sabe, na métrica clássica, é um sistema de cinco pés), também não sabia o que era um nicárqueo (que é um verso parecido com o falécio), nem o que era um tetrástico (que é uma estrofe de quatro versos). E como é que eu sei que ele não sabia? Porque cometi o erro, no primeiro dia de oficina, de lho perguntar. Não sei em que é que eu estaria a pensar. O único poeta mexicano que sabe estas coisas de cor é Octavio Paz (o nosso grande inimigo), os outros nem fazem ideia, pelo menos foi o que me disse Ulises Lima minutos depois de eu me juntar a eles e de ter sido amistosamente aceite nas filas do realismo visceral. Fazer aquelas perguntas a Álamo foi, como não demorei a verificar, uma prova da minha falta de tato. A princípio pensei que o sorriso que me dedicara fosse de admiração. Depois apercebi-me de que era, sim, de desprezo. Os poetas mexicanos (suponho que os poetas em geral) detestam que se lhes recorde a sua ignorância. Mas eu não me acobardei e, depois de ele me ter destroçado alguns poemas na segunda sessão em que participei, perguntei-lhe se sabia o que era um *rispetto*. Álamo pensou que eu lhe exigia

respeito para com as minhas poesias e desatou a falar da crítica objetiva (para variar), que é um campo minado por onde tem de transitar todo o jovem poeta, etcétera, mas não o deixei prosseguir e, depois de esclarecer que nunca na minha curta vida tinha pedido respeito para com as minhas pobres criações, voltei a formular-lhe a pergunta, desta vez tentando vocalizar com a maior clareza possível.

— Não me venhas cá com manias, García Madero — disse Álamo.

— Um *rispetto*, caro mestre, é um tipo de poesia lírica, amorosa, para ser mais exato, semelhante ao *strambotto*, que tem seis ou oito hendecassílabos, os quatro primeiros com forma de sirventésio e os seguintes construídos emparelhados. Por exemplo... — e já me preparava para lhe dar um ou dois exemplos quando Álamo se levantou de um salto e deu por concluída a discussão. O que aconteceu depois é nebuloso (embora eu tenha boa memória): lembro-me do riso de Álamo e dos risos dos quatro ou cinco colegas da oficina, provavelmente estavam a divertir-se à minha custa.

Outro no meu lugar não teria voltado a pôr os pés na oficina de poesia, mas apesar das minhas recordações infelizes (ou da ausência de recordações, para o caso tão infeliz ou mais que a retenção mnemotécnica delas) na semana seguinte ali estava, pontual como sempre.

Creio que foi o destino que me fez voltar. Era a minha quinta sessão na oficina de Álamo (mas podia muito bem ser a oitava ou a nona, ultimamente notei que o tempo se encolhe ou se estica consoante o seu arbítrio) e a tensão, a corrente alterna da tragédia adivinhava-se no ar sem que ninguém conseguisse explicar a que se devia. Para começar, estávamos todos, os sete aprendizes de poetas inscritos inicialmente, coisa que não tinha acontecido nas sessões anteriores. Também: estávamos nervosos.

O próprio Álamo, geralmente tão calmo, não estava bem em si. Por momentos pensei que talvez tivesse acontecido alguma coisa na universidade, um tiroteio no campus de que eu não tivesse sabido, uma greve surpresa, o assassinio do decano da faculdade, o sequestro de algum professor de Filosofia ou alguma coisa assim do género. Mas não tinha acontecido nada disto, e a verdade era que ninguém tinha motivos para estar nervoso. Pelo menos, objetivamente, ninguém tinha motivos. Mas a poesia (a verdadeira poesia) é assim: deixa-se pressentir, anuncia-se no ar, como os terremotos que, segundo dizem, alguns animais, especialmente aptos para esse fim, pressentem. (Estes animais são as serpentes, os vermes, as ratazanas e alguns pássaros.) O que aconteceu a seguir foi confuso, mas dotado de qualquer coisa que, correndo o risco de ser piroso, eu me atreveria a chamar maravilhoso. Chegaram dois poetas real-visceralistas, e Álamo, contrariado, apresentou-os, ainda que só conhecesse um deles pessoalmente, ao outro conhecia-o de ouvir falar, ou o nome dele lhe dizia qualquer coisa ou alguém lhe tinha falado dele, mas apresentou-o mesmo assim.

Não sei o que é que eles ali procuravam. A visita parecia de natureza claramente beligerante, embora não isenta de um matiz propagandístico e proselitista. A princípio, os real-visceralistas mantiveram-se calados ou discretos. Álamo, por sua vez, adotou uma postura diplomática, levemente irónica, de esperar os acontecimentos, mas pouco a pouco, perante a timidez dos estranhos, foi ganhando coragem e ao fim de meia hora a oficina já era a mesma coisa de sempre. Então começou a batalha. Os real-visceralistas puseram em causa o sistema crítico que Álamo usava; este, por sua vez, chamou surrealistas de pacotilha e falsos marxistas aos surrealistas verdadeiros, sendo apoiado no embate por cinco membros da oficina, isto é, por todos menos por um rapazito muito magro que andava sempre com um livro de Lewis Carroll

e que quase nunca falava, e por mim, atitude que com toda a franqueza me deixou surpreso, pois os que apoiavam Álamo com tanto ardor eram os mesmos que recebiam com atitude estoica as suas críticas implacáveis e que agora se revelavam (coisa que me pareceu surpreendente) os seus mais fiéis defensores. Nesse momento decidi pôr o meu grão de areia e acusei Álamo de não fazer ideia do que era um *rispetto*; os real-visceralistas reconheceram claramente que eles também não sabiam o que era, mas a minha observação pareceu-lhes pertinente e assim o expressaram; um deles perguntou-me que idade é que eu tinha, eu disse que dezassete anos e tentei explicar uma vez mais o que era um *rispetto*; Álamo estava vermelho de raiva; os membros da oficina acusaram-me de pedante (um disse que eu era um acadêmico); os real-visceralistas defenderam-me; já lançado, perguntei a Álamo e à oficina em geral se pelo menos se lembravam do que era um nicárqueo ou um tetrástico. E ninguém me soube responder.

A discussão não acabou, contrariamente ao que eu esperava, com todos à porrada. Tenho de reconhecer que eu teria adorado. E, embora um dos membros da oficina tenha prometido a Ulises Lima que um dia lhe ia partir a cara, no fim não aconteceu nada, quero dizer, nada de violento, embora eu tenha reagido à ameaça (que, repito, não era dirigida contra mim) garantindo ao ameaçador que me tinha à sua inteira disposição em qualquer sítio do campus, no dia e à hora que ele quisesse.

O encerramento do serão foi surpreendente. Álamo desafiou Ulises Lima a ler um dos seus poemas. Este não se fez rogado e tirou de um bolso do casaco uns papéis sujos e amachucados. Que horror, pensei, este idiota meteu-se sozinho na boca do lobo. Acho que fechei os olhos de pura vergonha alheia. Há momentos para recitar poesias e há momentos para andar ao murro. Para mim aquele era um destes últimos. Fechei os olhos, como já

disse, e ouvi Lima a pigarrear. Ouvi o silêncio (se isso for possível, embora duvide) um pouco incómodo que se foi fazendo à sua volta. E por fim ouvi a sua voz que lia o melhor poema que eu alguma vez ouvira. Depois Arturo Belano levantou-se e disse que andavam à procura de poetas que quisessem participar na revista que os real-visceralistas pensavam editar. Todos teriam gostado de se juntar, mas depois da discussão sentiam-se um pouco lixados e ninguém abriu a boca. Quando a oficina acabou (mais tarde do que o habitual) fui com eles até à paragem de autocarro. Era muito tarde. Já não passava nenhum, então decidimos apanhar em conjunto um *pesero* até Reforma e dali fomos a pé até um bar da rua Bucareli, onde estivemos até muito tarde a falar de poesia.

Não consegui apanhar muita coisa. O nome do grupo de alguma maneira é uma brincadeira e de alguma maneira é totalmente a sério. Creio que há muitos anos houve um grupo vanguardista mexicano chamado os real-visceralistas, mas não sei se foram escritores ou pintores ou jornalistas ou revolucionários. Estiveram ativos, também não sei muito bem, na década de vinte ou de trinta. É claro que nunca tinha ouvido falar daquele grupo, mas isto deve-se à minha ignorância em assuntos literários (todos os livros do mundo estão à espera que os leia). Segundo Arturo Belano, os real-visceralistas perderam-se no deserto de Sonora. Depois mencionaram uma tal Cesárea Tinajero ou Tinaja, não me lembro, acho que nessa altura eu estava a discutir aos gritos com um empregado de mesa por causa de umas garrafas de cerveja, e falaram das *Poesias*, do Conde de Lautréamont, qualquer coisa nas *Poesias* relacionada com a tal Tinajero, e depois Lima fez uma afirmação misteriosa. Segundo ele, os atuais real-visceralistas caminhavam para trás. Para trás como?, perguntei eu.

— De costas, a olhar para um ponto, mas afastando-nos dele, em linha reta para o desconhecido.

Eu disse que me parecia perfeito caminhar daquela maneira, apesar de na realidade não ter percebido nada. Pensando bem, é a pior forma de caminhar.

Mais tarde chegaram outros poetas, alguns real-visceralistas, outros não, e a barafunda tornou-se impossível de aturar. Por momentos, pensei que Belano e Lima se tinham esquecido de mim, ocupados a conversar com qualquer personagem estapafúrdia que se aproximasse da nossa mesa, mas quando já começava a amanhecer perguntaram-me se eu queria pertencer à pandilha. Não disseram «grupo» ou «movimento», disseram pandilha, e aquilo agradou-me. É claro que disse que sim. Foi muito simples. Um deles, Belano, apertou-me a mão, disse que eu já era um dos seus e depois cantámos uma canção *ranchera*. E foi tudo. A letra da canção falava das povoações perdidas do Norte e dos olhos de uma mulher. Antes de desatar a vomitar na rua perguntei-lhes se aqueles olhos eram os de Cesárea Tinajero. Belano e Lima olharam para mim e disseram que não havia dúvidas de que eu já era um real-visceralista e que juntos iríamos mudar a poesia latino-americana. Às seis da manhã, apanhei outro *pesero*, desta vez sozinho, que me trouxe até ao bairro Lindavista, onde vivo. Hoje não fui à universidade. Passei o dia todo fechado no quarto a escrever poemas.

4 de novembro

Voltei ao bar da rua Bucareli, mas os real-visceralistas não apareceram. Enquanto esperava por eles, entretive-me a ler e a escrever. Os frequentadores do bar, um grupo de bêbados silenciosos e bastante sinistros, não tiraram os olhos de cima de mim.

Resultado de cinco horas de espera: quatro cervejas, quatro tequilas, um prato de *sopes* que deixei a meio (estavam meio podres), leitura completa do último livro de poemas de Álamo

(que levei expressamente para trocar dele com os meus novos amigos), sete textos escritos ao jeito de Ulises Lima (o primeiro sobre os *sopes* que cheiravam a caixão, o segundo sobre a universidade: via-a destruída, o terceiro sobre a universidade: eu corria nu no meio de uma multidão de zombies, o quarto sobre a lua da Cidade do México, o quinto sobre um cantor falecido, o sexto sobre uma sociedade secreta que vivia por baixo das cloacas de Chapultepec, e o sétimo sobre um livro perdido e sobre a amizade) ou mais exatamente ao jeito do único poema que conheço de Ulises Lima e que não li, mas que ouvi, e uma sensação física e espiritual de solidão.

Dois bêbados tentaram meter-se comigo, mas apesar da minha idade tenho um caráter que me chega para enfrentar qualquer um. Uma empregada de mesa (chama-se Brígida, segundo soube, e dizia lembrar-se de mim da noite que ali passei com Belano e Lima) acariciou-me o cabelo. Foi uma carícia como que sem querer, enquanto ia atender outra mesa. Depois sentou-se um bocado comigo e insinuou que eu tinha o cabelo muito comprido. Era simpática, mas eu preferi não lhe responder. Às três da manhã, voltei para casa. Os real-visceralistas não apareceram. Não voltarei a vê-los?

5 de novembro

Sem notícias dos meus amigos. Há dois dias que não vou à faculdade. Também não penso voltar à oficina de Álamo. Hoje à tarde fui outra vez ao Encrucijada Veracruzana (o bar da Bucareli), mas nem rasto dos real-visceralistas. É curioso: as mutações que um estabelecimento desta natureza sofre consoante é visitado à tarde, à noite e até de manhã. Qualquer pessoa diria que se trata de bares diferentes. Hoje à tarde, o local parecia muito mais

decrépito do que na realidade é. As personagens sinistras da noite ainda não se tornaram presentes, a clientela é, como dizer, mais fugidia, mais transparente, também mais pacífica. Três empregados de escritório de pouca categoria, provavelmente funcionários públicos, completamente bêbados, um vendedor de ovos de tartaruga com a cestinha vazia, dois estudantes do secundário, um senhor grisalho sentado a uma mesa a comer *enchiladas*. As empregadas de mesa também são diferentes. As três de hoje não as conhecia, apesar de uma delas se ter aproximado de mim e me dizer de repente: tu deves ser o poeta. A afirmação perturbou-me, mas também, devo reconhecer, me deixou lisonjeado.

— Sim, menina, sou poeta, mas como é que sabe isso?

— Brígida falou-me de ti.

Brígida, a empregada de mesa!

— E o que foi que ela lhe disse? — perguntei sem me atrever ainda a tratá-la por tu.

— Que escrevias umas poesias muito bonitas.

— Isso, ela não pode saber. Nunca lhe li nada meu — disse eu, corando um pouco, mas cada vez mais satisfeito com o rumo que a conversa ia tomando. Também pensei que Brígida podia, *sim*, ter lido alguns dos meus versos: por cima do meu ombro! Disso já não gostei tanto.

A empregada de mesa (de seu nome Rosario) perguntou-me se lhe podia fazer um favor. Deveria ter dito «depende», como me ensinou (até à exaustão) o meu tio, mas eu sou assim e disse com certeza, do que é que se trata?

— Gostava que me fizesses uma poesia — disse ela.

— Isso é garantido. Um dia destes faço-ta — disse eu, tratando-a por tu pela primeira vez e já embalado a pedir-lhe que me trouxesse outra tequila.

— Eu ofereço-te a bebida — disse ela. — Mas a poesia fazes-ma agora.

Tentei explicar-lhe que um poema não se escrevia assim de uma hora para a outra.

— E a que é que se deve tanta pressa?

A explicação que ela me deu foi um tanto vaga; segundo parece, tratava-se de uma promessa feita à Virgem de Guadalupe, qualquer coisa relacionada com a saúde de alguém, um familiar muito querido e muito saudosos que tinha desaparecido e voltado a aparecer. Mas o que é que um poema tinha a ver com tudo aquilo? Por instantes, pensei que tinha bebido demasiado, que estava há muitas horas sem comer e que o álcool e a fome me estavam a desligar da realidade. Mas depois pensei que não era caso para tanto. Precisamente uma das premissas para escrever poesia preconizadas pelo realismo visceral, se bem me lembro (ainda que na verdade não poria as mãos no fogo), era a desconexão transitória com um certo tipo de realidade. Seja como for, a verdade é que àquela hora os clientes no bar eram escassos, pelo que as outras duas empregadas pouco a pouco se foram aproximando da minha mesa e agora encontrava-me rodeado numa posição aparentemente inocente (realmente inocente), mas que a qualquer espectador não avisado, um polícia, por exemplo, não o pareceria: um estudante sentado e três mulheres de pé a seu lado, uma delas a roçar-lhe o ombro e braço esquerdos com a anca direita, as outras duas com as coxas encostadas à borda da mesa (borda que certamente deixaria marcas nessas coxas), mantendo uma inocente conversa literária, mas que, vista da porta, poderia parecer qualquer outra coisa. Por exemplo: um proxeneta em plena conversa com as suas pupilas. Por exemplo: um estudante libidinoso que não se deixa seduzir.

Decidi cortar a direito. Levantei-me como pude, paguei, deixei cumprimentos carinhosos para Brígida e fui-me embora. Na rua, o sol cegou-me durante uns segundos.

6 de novembro

Hoje também não fui à faculdade. Levantei-me cedo, apanhei o autocarro com destino à UNAM, mas saí antes e ocupei grande parte da manhã a vaguear pelo centro. Primeiro entrei na Librería del Sótano e comprei um livro de Pierre Louÿs, depois atravessei a Juárez, comprei uma *torta* de presunto e fui ler e comer sentado num banco da Alameda. A história de Louÿs, mas sobretudo as ilustrações, provocaram-me uma ereção de cavalo. Tentei pôr-me de pé e ir-me embora, mas com a verga naquele estado era impossível caminhar sem provocar os olhares e o consequente escândalo não só das passeantes, como dos peões em geral. Então, voltei a sentar-me, fechei o livro e limpei as migalhas do casaco e das calças. Durante um grande bocado estive a olhar para uma coisa que me pareceu um esquilo e que se deslocava silenciosamente pelos ramos de uma árvore. Ao fim de dez minutos (aproximadamente), apercebi-me de que não se tratava de um esquilo, mas sim de uma ratazana. Uma ratazana enorme! A descoberta encheu-me de tristeza. Ali estava eu, sem me poder mexer, e a vinte metros, bem agarrada a um ramo, uma ratazana exploradora e faminta à procura de ovos de pássaros ou de migalhas arrastadas pelo vento até à copa das árvores (duvidoso) ou do que fosse. Subiu-me uma angústia até ao pescoço e tive náuseas. Antes de vomitar levantei-me e saí a correr. Ao fim de cinco minutos, a bom passo, a ereção tinha desaparecido.

À noite estive na rua Corazón (paralela à minha rua) a ver um jogo de futebol. Os que estavam a jogar eram meus amigos de infância, se bem que dizer amigos de infância talvez seja excessivo. A maioria ainda está no secundário e outros deixaram de estudar e trabalham com os pais ou não fazem nada. Desde que eu entrei na universidade que o fosso que nos separava aumentou de repente e agora somos como que de dois planetas diferentes.

Pedi que me deixassem jogar. A iluminação na rua Corazón não é muito boa e mal se via a bola. Além disso, a cada certo tempo passavam carros e tínhamos de parar. Levei dois pontapés e uma bolada na cara. Suficiente. Vou ler um pouco mais de Pierre Louÿs e depois apago a luz.

7 de novembro

A Cidade do México tem catorze milhões de habitantes. Não voltarei a ver os real-visceralistas. Também não voltarei à faculdade nem à oficina de Álamo. Logo se verá como é que me desvençilho com os meus tios. Acabei o livro de Louÿs, *Afroditte*, e agora estou a ler os poetas mexicanos mortos, meus futuros colegas.

8 de novembro

Descobri um poema maravilhoso. Nunca me disseram nada nas aulas de Literatura acerca do seu autor, Efrén Rebolledo (1877-1929). Transcrevo-o:

O vampiro

Rolam teus caracóis lúgubres e cheios
por tuas cândidas formas como um rio,
e espalho em seu caudal, crespo e sombrio,
as rosas acesas dos meus beijos.

Assim que descerro os espessos
anéis, sinto o roçar leve e frio
da tua mão, e um longo calafrio
me percorre e penetra até aos ossos.

As tuas pupilas caóticas e estranhas
cintilam quando escutam o suspiro
que sai rasgando as entranhas,

e enquanto eu agonizo, tu, sedenta,
finges ser um negro e pertinaz vampiro
que de meu sangue ardente se sustenta.

A primeira vez que o li (há umas horas) não pude evitar fechar-me à chave no meu quarto e começar a masturbar-me enquanto o recitava uma, duas, três, até dez ou quinze vezes, imaginando Rosario, a empregada de mesa, de quatro em cima de mim, a pedir-me que lhe escrevesse um poema para aquele ser querido e saudoso ou rogando-me que a espetasse sobre a cama com a minha ferosa verga.

Já aliviado, tive a oportunidade de refletir sobre o poema.

O «caudal crespo e sombrio» não oferece, creio, qualquer dúvida de interpretação. Não acontece o mesmo com o primeiro verso da segunda quadra: «assim que descerro os espessos anéis», que podia muito bem referir-se ao «caudal crespo e sombrio» esticado ou desenredado um a um, mas onde o verbo «descerrar» talvez oculte um significado diferente.

«Os espessos anéis» também não estão muito claros. São os caracóis do velo púbico, os caracóis da cabeleira do vampiro ou são *diferentes* entradas no corpo humano? Numa palavra, estará a sodomizá-la? Creio que a leitura de Pierre Louÿs ainda gravita no meu espírito.

9 de novembro

Decidi voltar ao Encrucijada Veracruzana, não por esperar encontrar ali os real-visceralistas, mas para ver Rosario mais uma

vez. Escrevi-lhe uns versinhos. Falo dos seus olhos e do interminável horizonte mexicano, das igrejas abandonadas e das miragens dos caminhos que levam à fronteira. Não sei porquê, penso que Rosario é de Veracruz ou de Tabasco, até mesmo de Yucatán. Talvez ela tenha referido isso. Pode ser que seja só imaginação minha. Talvez a confusão seja propiciada pelo nome do bar, e Rosario não seja nem veracruzana nem yucateca, mas sim da Cidade do México. Em todo o caso, pensei que uns versos que evoquem terras diametralmente diferentes das dela (no pressuposto de que seja veracruzana, coisa de que estou cada vez mais duvidoso) acabarão por ser mais promissores, pelo menos no que diz respeito às minhas intenções. Depois, acontecerá o que tiver de acontecer.

Hoje de manhã, deambulei pelos arredores do centro a pensar na minha vida. O futuro não se apresenta muito brilhante, especialmente se continuar a faltar às aulas. No entanto, o que me preocupa a sério é a minha educação sexual. Não posso passar a vida a bater punhetas. (A minha educação poética também me preocupa, mas é melhor não enfrentar mais do que um problema ao mesmo tempo.) Rosario terá namorado? Se tiver namorado, será um tipo ciumento e possessivo? É demasiado nova para ser casada, mas também não posso descartar essa possibilidade. Acho que ela gosta de mim, isso é evidente.

10 de novembro

Encontrei os real-visceralistas. Rosario é de Veracruz. Todos os real-visceralistas me deram as suas respectivas direções e eu dei a minha a todos. As reuniões têm lugar no café Quito, na Bucareli, um pouco mais acima do Encrucijada, e na casa de María Font, no bairro Condesa, ou na casa da pintora Catalina O'Hara,

no bairro Coyoacán. (María Font, Catalina O'Hara, esses nomes evocam qualquer coisa em mim, mas ainda não sei o quê.)

De resto, tudo acabou bem, embora tenha estado quase a acabar em tragédia.

As coisas aconteceram assim: cheguei por volta das oito da noite ao Encrucijada. O bar estava cheio e a afluência não podia ser mais miserável e sinistra. Num canto até havia um cego que tocava acordeão e cantava. Mas eu não me intimidei e encostei-me no primeiro buraco que vi junto ao balcão. Rosario não estava. Perguntei por ela à empregada que me atendeu e esta chamou-me cata-vento, caprichoso e vaidoso. Mas com um sorriso, isso sim, como se não me achasse mau de todo. Francamente não percebi o que ela queria dizer. Depois perguntei-lhe de onde é que Rosario era e ela disse-me que de Veracruz. Também lhe perguntei de onde é que ela era. Da própria Cidade do México, disse. E tu? Eu sou o cavaleiro de Sonora, disse-lhe de repente e sem vir a propósito. Na realidade, nunca estive em Sonora. Ela riu-se e poderíamos ter continuado assim a conversar durante um bom bocado, mas teve de ir atender uma mesa. Brígida, em compensação, estava ali, e quando eu já ia na minha segunda tequila aproximou-se e perguntou-me como é que eu estava. Brígida é uma mulher de rosto sisudo, melancólico, ofendido. A imagem que eu tinha dela era diferente, mas daquela vez estava bêbado e agora não. Respondi-lhe com que então, Brígida, tantos anos. Tentava dar uma impressão de desenvoltura, até de alegria, embora não possa dizer que estivesse alegre. Brígida agarrou-me na mão e levou-a ao coração. A princípio dei um salto e a minha primeira intenção foi afastar-me do balcão, talvez sair a correr do bar, mas aguentei-me.

— Estás a senti-lo? — perguntou.

— O quê?

— O meu coração, idiota, não o sentes bater?

Com as pontas dos dedos, explorei a superfície que se me oferecia: a blusa de linho e os seios de Brígida emoldurados por um sutiã que calculei ser muito pequeno para os conter. Mas nem rasto sequer de batimentos.

— Não sinto nada — disse eu com um sorriso.

— O meu coração, parvo, não o ouves bater, não sentes como se parte aos poucos?

— Olha, desculpa, não ouço nada.

— Como é que hás de ouvir com a mão, cabrão, só te peço que sintas. Os teus dedos não sentem nada?

— Na verdade... não.

— Tens a mão gelada — disse Brígida. — Que dedos tão bonitos, nota-se bem que nunca tiveste de trabalhar!

Senti-me observado, estudado, perfurado. Os bebedolas sinistros que estavam ao balcão ficaram interessados devido à última observação de Brígida. Prefiri não os enfrentar naquele momento e declarei que estava enganada, que era óbvio que tinha de trabalhar para pagar os meus estudos. Brígida agora aprisionava a minha mão como se estivesse a ler as linhas do meu destino. Aquilo interessou-me e despreocupei-me dos potenciais espectáculos.

— Não sejas víbora — disse ela. — Comigo não precisas de mentir, conheço-te. És um menino do papá, mas tens grandes ambições. E tens sorte. Vais chegar onde quiseres. Embora aqui eu veja que te irás extraviar várias vezes, por tua culpa, porque não sabes o que queres. Precisas de uma miúda que esteja contigo nos bons e nos maus momentos. Estou enganada?

— Não, perfeito, continua, continua.

— Aqui não — disse Brígida. — Estes bisbilhoteiros chatos não precisam de saber do teu destino, não é verdade?

Pela primeira vez, atrevi-me a olhar abertamente para os lados. Quatro ou cinco bebedolas sinistros seguiam com atenção

as palavras de Brígida, um até observava a minha mão com uma fixação sobrenatural, como se se tratasse da sua própria mão. Sorri a todos, não fossem zangar-se, dando-lhes a entender dessa maneira que eu não tinha nada a ver com aquele assunto. Brígida beliscou-me as costas da mão. Tinha os olhos inflamados, como se estivesse prestes a iniciar uma briga ou desatar a chorar.

— Aqui não podemos falar, vem daí.

Vi-a cochichar com uma das empregadas de mesa e depois fez-me um sinal. O Encrucijada Veracruzana estava cheio e por cima das cabeças dos clientes elevava-se uma nuvem de fumo e a música de acordeão do cego. Olhei para as horas, era quase meia-noite, o tempo, pensei, voara.

Segui-a.

Metemo-nos numa espécie de adega e arrecadação estreita e comprida onde se empilhavam as caixas de garrafas e os apetrechos de limpeza do bar (detergentes, vassouras, lixívia, um utensílio de borracha para limpar os vidros, uma coleção de luvas de plástico). Ao fundo, uma mesa e duas cadeiras. Brígida indicou-me uma. Sentei-me. A mesa era redonda e a superfície estava coberta de entalhes e nomes, a maioria ininteligíveis. A empregada de mesa manteve-se de pé, a poucos centímetros de mim, vigilante como uma deusa ou como uma ave de rapina. Talvez esperasse que eu lhe pedisse para se sentar. Impressionado com sua timidez, assim o fiz. Para minha surpresa, sentou-se em cima dos meus joelhos. A situação era incómoda e, no entanto, dali a poucos segundos notei com espanto que a minha natureza, divorciada do meu intelecto, da minha alma, até dos meus piores desejos, endurecia a minha verga até um limite impossível de disfarçar. Brígida certamente se apercebeu do meu estado pois levantou-se e, depois de voltar a estudar-me de alto, propôs-me um broche.

— O quê?... — disse eu.